

## SELETA

### A CANA E A TERRA

Gilberto FREYRE

A palavra “Nordeste” é hoje uma palavra desfigurada pela expressão “obras do Nordeste” que quer dizer “obras contra as secas”. E quase não sugere senão as secas. Os Sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol.

Mas esse Nordeste de figuras de homens e de bichos se alongando quase em figuras de El Greco é apenas um lado do Nordeste. O outro Nordeste. Mais velho que ele é o Nordeste de árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sanchos-panças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão, pelo trabalho parado e sempre o mesmo, pela opilação, pela aguardente, pela garapa de cana, pelo feijão de coco, pelos vermes, pela erisipela, pelo ócio, pelas doenças que fazem a pessoa inchar, pelo próprio mal de comer terra.

Um Nordeste onde nunca deixa de haver uma mancha d’água: um avanço de mar, um rio, um riacho, o esverdeado de uma lagoa. Onde a água faz da terra o que quer: inventa ilhas, desmancha istmos e cabos, altera a seu gosto a geografia convencional dos compêndios.

Um Nordeste com a cal das casas de telha tirada das pedras do mar, com uma população numerosas vivendo de peixe, de marisco, de caranguejo, com as mulheres dos mucambos lavando as panelas e os

meninos na água dos rios, com alguns caturras ainda iluminando as casas a azeite de peixe.

Um Nordeste oleoso onde noite de lua parece escorrer um óleo gordo das coisas e das pessoas. Da terra. Do cabelo preto das mulatas e das caboclas. Das árvores lambusadas de resinas. Das águas. Do corpo pardo dos homens que trabalham dentro do mar e dos rios, na bagaceira dos engenhos, no cais do Apolo, nos trapiches de Maceió.

Esse Nordeste de terra gorda e de ar oleoso é o Nordeste da cana-de-açúcar. Das casas-grandes e dos engenhos. Dos sobrados de azulejo. Dos mucambos de palha de coqueiro ou de coberta de capim-açu. O Nordeste que vai do Recôncavo ao Maranhão, tendo o seu centro em Pernambuco.

Aliás, há mais de dois Nordestes e não um, muito menos o Norte massiço e único de que se fala tanto no Sul com exagero de simplificação. As especializações regionais de vida, de cultura e de tipo físico no Brasil estão ainda por ser traçadas debaixo de um critério rigoroso de ecologia ou de sociologia regional, que corrija tais exageros e mostre que dentro da unidade essencial que nos une, há diferenças às vezes profundas.

O Nordeste do massapê, da argila, do humus gorduroso é o que pode haver de mais diferente do outro, de terra dura, de areia seca. A terra aqui é pegagenta e melada. Agarra-se aos homens com modos de garanhona. Mas ao mesmo tempo parece sentir gosto em ser pisada e ferida pelos pés da gente, pelas patas dos bois e dos cavalos. Deixa-se docemente marcar até pelo pé de um menino que corra brincando, empinando um papagaio; até pelas rodas de um cabriolé velho que vá aos solavancos de um engenho de fogo morto a uma estação da "Great Western".

Há quatro séculos que o massapê do Nordeste puxa para dentro de si as pontas de cana, os pés dos homens, as patas dos bois, as rodas vagarosas dos carros, as raízes das mangueiras e das jaqueiras, os alicerces das casas e das igrejas, deixando-se penetrar como nenhuma outra terra dos trópicos pela civilização agrária dos portugueses.

O massapê é acomodaticio. É uma terra doce ainda hoje. Não tem aquele ranger da areia dos sertões que parece repelir a bota do europeu e o pé do africano, a pata do boi e o casco do cavalo, a raiz da mangueira

da Índia e o broto da cana, com o mesmo enjôo de quem repelisse uma afronta ou uma intrusão. A doçura das terras de massapê contrasta com o ranger da raiva terrível das areias secas dos sertões.

O massapê não vai ao extremo da terra de mangue, que quase não é terra, de tão melada, de tão mole e indecisa, deixando que nela a água apodreça os matos e as raízes. Nem ao excesso do barro tauá, nos dias de chuva capaz de engolir balduinias, de server comboios inteiros.

O massapê tem outra resistência e outra nobreza. Tem profundidade. É terra doce sem deixar de ser terra firme: o bastante para que nela se construa com solidez engenho, casa e capela.

Nessas manchas de terra peguenta foi possível fundar a civilização moderna mais cheia de qualidade, de permanência e ao mesmo tempo de plasticidade que já se fundou nos trópicos. A riqueza do solo era profunda: as gerações de senhores de engenho podiam suceder-se no mesmo engenho; fortalecer-se; criar raízes em casas de pedra-e-cal; não era preciso o nomadismo agrário que se praticou noutras terras, onde o solo menos fértil, esgotado logo pela monocultura, fez do agricultor quase um cigano sempre à procura de terra virgem.

Sem massapê, sem argila, sem humus, a paisagem do Nordeste - desde o Recôncavo, na Bahia, até certos trechos do Maranhão - não teria se alterado tão decisivamente no sentido em que se alterou desde os meados do século XVI: no sentido da cana-de-açúcar. No sentido da casa-grande de pedra-e-cal. A qualidade do solo tornou possível o avanço civilizador da cana em várias outras terras do Brasil. Mas a estabilidade de sua cultura no extremo Nordeste e no Recôncavo se explica por condições particularmente favoráveis de solo, de atmosfera, de situação geográfica. Nas terras onde parece que se plantaram as primeiras canas - talvez mais como um recurso contra as “doenças do mar”, principalmente o escorbuto, do que como base de uma agricultura colonial, e muito menos de uma indústria - nunca se teria firmado a lavoura quem em poucos anos fez da Nova Lusitânia uma colônia de gente tão farta, de homens tão sólidos, com tanto rugeruge de seda e tanto brilho de rubis; com casas de pedra-e-cal; com sobrados de azulejo e igrejas guarnecidas de jacarandá e de ouro.

A qualidade do solo, completada pela da atmosfera, condicionou como talvez nenhum outro elemento, essa especialização regional da colonização da América pelos portugueses que foi a colonização

baseada na cana-de-açúcar; e dizendo-se esta frase banal, diz-se ao mesmo tempo uma verdade muitas vezes esquecidas.

É claro que o triunfo do açúcar no extremo Nordeste foi favorecido por um grupo de circunstâncias, e não por um elemento só: pela proximidade da Europa como pelo contato fácil com a África, fornecedora de escravos; pela qualidade do elemento colonizador europeu. E ainda favorecido pela experiência agrícola e pelos hábitos de relativa sedentariedade do elemento colonizador africano: os negros de pescoço curto cuja predominância Tollenare notou em Pernambuco nos princípios do século XIX e que os anúncios de pretos fugidos nos jornais da região parecem confirmar.

Mas é preciso não esquecer o que o massapê representou, ao lado da atmosfera, da água, da situação geográfica, nessa vitória do açúcar.

Durante o período decisivo da formação brasileira, a história do Brasil foi a história do açúcar; e no Brasil, a história do açúcar, onde atingiu maior importância econômica e maior interesse humano foi nessas manchas de terra de massapê, de barro, de argila, de humus. Nessas manchas de solo encarnado ou preto se lançaram os alicerces dos melhores engenhos. Foram elas que mais se avermelharam de sangue nos tempos coloniais. Sobre elas que tanto luso-brasileiro, tanto preto, tanto caboclo, tanto mulato morreu em luta com os invasores louros. Esses invasores não desejavam outras terras senão aquelas do massapê. As terras de barro gordo, boas para a cana-de-açúcar.

O Nordeste do massapê é ainda o mais brasileiro pelo tipo tradicional de casa-grande e de sobrado de azulejo e pelo de casa de palha ou de mucambo, que aqui se desenvolveram de originais portugueses ou africanos e indígenas e que constituem material de primeira ordem e um mundo rico de sugestões e de inspirações para uma arquitetura verdadeiramente brasileira ou, pelo menos, regional.

Aí é que se aprofundaram as raízes agrárias que tornaram possível o desenvolvimento rápido de simples colônia de plantação em império de plantadores de cana, com os senhores de engenho elevados a barões, viscondes, marqueses, senadores, ministros, conselheiros; os títulos, quase todos, nomes de engenhos. Com as casas quase fortalezas construídas com óleo de baleia e com madeira de lei. Desenvolvimento tão

rápido que desde o século XVII os povos das capitanias do Nordeste, com os senhores de engenho mais arrojados à frente, se revelaram capazes de defender-se por si, ou só com o auxílio de brasileiros de outras regiões - alguns dos quais, como recompensa dos serviços militares, pediram ao Rei terras no próprio Nordeste e aí se fixaram - dos invasores estrangeiros e dos negros aquilombados. E defendendo seus canaviais, seus rios, suas terras de massapê, começaram a sentir que estavam defendendo o Brasil. Quando em 1710, em 1817 e em 1824 tentaram constituir-se em república, já foi sobre esse sentimento de suficiência e esse desejo de estabilidade que lhes davam as terras férteis de cana.

A independência do Brasil se realizou firmando-se principalmente sobre uma aristocracia quase feudal de senhores de terras de massapê - Pais Barretos, Cavalcantis, Albuquerque, os senhores baianos de Santo Amaro, mais tarde os fazendeiros da terra roxa. Quase feudal nas tendências e no gênero de vida e anti-monárquica por natureza, essa aristocracia das terras gordas deu, entretanto, à coroa, quando colocada sobre a cabeça loura de um menino de quinze anos nascido no Rio de Janeiro, o prestígio e as condições de vida que doutro modo lhe faltariam em terra tão nova como o Brasil.

Os barões das terras de massapê seriam por algum tempo o melhor apoio da Coroa. E embora sob Pedro II se acentuassem conflitos e até se dramatizassem divergências entre a justiça imperial e a autoridade do senhor de engenho todo poderoso, o interesse econômico atuaria por muito tempo no sentido da contemporização entre as duas forças rivais. Os engenhos melhores e mais ricos, do mesmo modo que as fazendas de terra roxa, seriam até às vésperas da abolição centros políticos fiéis à monarquia e leais a Dom Pedro II.

As terras de massapê foram no Brasil as terras por excelência das boas maneiras e dos gestos suaves, onde através do século XIX os homens crescera mamando em negras gordas, mulheres de uma grande doçura, e tomando chá desde muito pequenos. Quase se podem fixar fronteiras entre as terras de massapê e as terras ásperas, por esse detalhe do leite de mãe-preta - em vez do da comadre-cabra dos sertões - e do uso do chá, a que a frase "tomou chá em pequeno" dá significação e importância sociológica. Nos sertões e nas zonas agrestes, o chá foi até quase nossos dias remédio de botica. E o açúcar, a rapadura. O chá acompanhou o açúcar

branco e solto, guardado em porcelana da Índia ou de Macau, nos guarda-louças das casas-grandes e dos sobrados de azulejo. Seu predomínio marca a maior influência, a princípio asiática, depois européia, e principalmente inglesa, nas terras mais vantajosamente especializadas na cultura da cana.

Com efeito, o Recife concentrou desde os favores do tratado de 1810 uma grande colônia de ingleses com igreja, padre, cemitério e por algum tempo hospital. Vendedores de panos finos, importadores de chá, de cerveja, de presunto, de chapéu, de botina, médicos, leiloeiros, mestres de fundição, engenheiros especializados no concerto de aparelhos de fabricar açúcar, como Harrigton & Starr e como os Mornay.

Todo um grupo de homens de negócio e de técnicos, muito em relevo nos anúncios de jornais da primeira metade do século XIX e cujos interesses se indentificaram de tal modo com os da aristocracia dos canaviais que vários terminaram ligados às terras de massapê, docemente abrasileirados em genros, sogros ou cunhados de brasileiros. Alguns até em senhores de engenho. Tal o caso de Henry Koster, cujo nome se aportuguesou em Henrique da Costa. Capitão Henrique da Costa, talvez. Esse Koster não quis outra vida para os seus dias de tuberculoso menos romântico do que Robert Louis Stevenson senão a de plantador de cana, a de senhor de engenho, a de fabricante de açúcar.

Na Bahia, nas proximidades das terras de massapê e dos engenhos mais nobres, verificou-se o mesmo: grande concentração de ingleses. Ingleses com hospital, capela e cemitério.

O açúcar atraíu às suas melhores terras o chá, os ingleses, a porcelana da China, o móvel e o próprio livro europeu que tiveram talvez no Recife os seus melhores mercados, principalmente na primeira metade do século XIX. Deu ócio aos homens mais inteligentes das casas-grandes não só para o jogo como para os estudos de filologia, tão pachorrentamente cultivados pelo dr. Moraes no seu engenho de Muribeca (daí ele se correspondeu com alguns dos maiores letrados portugueses do seu tempo); não só para as charadas como para as boas leituras; e às iaiás, deu lazer para a música, para as rendas e para os doces finos de sobremesa.

De tal modo que Mansfield, inglês, Mestre em Artes que viajou nos meados do século XIX por terras de massapê, escreveu ter aqui encontrado casas-grandes de engenho que lhe deram a impressão das

casas de campo da Inglaterra: moças tocando piano admiravelmente, doces finos à sobremesa, chá servido pelas senhoras.

E Herbert Smith, anos depois, foi onde encontrou uma aristocracia brasileira de gostos e hábitos mais elevados: entre os senhores de engenho do Nordeste. Nas terras de massapê. E era na verdade uma gente que tinha piano e livros em casa. Que recebia bem. Que apreciava a boa cozinha. O naturalista americano chegou a contrastar os senhores de engenho do Nordeste com os fazendeiros de café do sul - que eram então a força nova e triunfante do Império - para concluir pela superioridade dos aristocratas das terras de cana.

**(Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil: 21-36. Rio de Janeiro, José Olympio, 1937. (Col. "Documentos Brasileiros", v. 4).**